



A AURORA



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DO SOL, 131—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclei Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis)
Semestre \$30 (300 reis)
Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

Necessidade da Revolução

Desde que se declarou a guerra europeia, toda a imprensa burguesa, tanto a que defende os partidos liberais como a que exprime as ideias dos partidos conservadores e reaccionários, bate palmas por ver nela a bancarrota do socialismo, o qual, com a sua força organizada, não pôde ou não quiz evitar a catástrofe por meio duma greve geral e da Revolução.

Esses periódicos que assim apresentam a questão, não vêem ou não querem ver, que o que fraccassou no momento em que estalou a guerra actual, não foi o socialismo, mas sim o capitalismo com a sua moral negadora da vida, visto que propaga o patriotismo que prende o homem a uma bárbara escravidão, que lhe esmaga toda a sua personalidade, tornando-o automático, vítima da caserna e carne de canhão, moral creadora de dogmas e de convencionalismos económicos, políticos e morais.

A lei, o código, o parlamento, a magistratura, a gerarquia e a burocracia em que se apoia o Estado com toda a sua organização económica, eis o que actualmente fraccassou.

Em face desta bancarrota económica e politica, religiosa e moral, legislativa e jurídica, aos anarquistas não cabe outro papel senão o de proclamar a necessidade da Revolução Social, já que todos os factores sociais, e entre eles a guerra, reclamam em altos brados a intervenção dos que, aspirando um mundo de convivência social mais humana, façam tábua rasa do existente para que surja das entranhas da sociedade capitalista a organização social baseada no ideal anarquico.

Se, por um lado, os propulsores das chamadas civilizações latina, pangermânica e pan-eslavica enchiam o mundo com gritos estridentes de paz, por outro só se preocupavam com o invento de instrumentos de morte; e até aquelas invenções que são de utilidade humana, como o telégrafo com ou sem fios, o telefone e tantas outras, passaram a servir as nações em guerra da mesma forma que o submarino, o torpêdo, o aeroplano, os canhões de grande e pequeno calibre...

Das civilizações, nenhuma se preocupou em prolongar a vida humana. E a guerra veio aumentar o flagelo social com o seu horrôroso número de vítimas.

Nos tempos normais, a medicina sustenta que os casos de morte natural—morte por esgotamento do sistema nervoso—são bem raros e representam uma excepção ante a imensa maioria que morre prematuramente por causas completamente alheias à natureza, vítimas da organização social de nossos dias.

Assim, poucos são os individuos que passam pelo ciclo evolutivo da vida e que morrem aos 80, 90 ou 100 anos; estes poucos, para quem a vida começa a ser uma carga pesada e a morte um desejo, podem chamar-se privilegiados.

Noventa por cento dos homens desaparecem no periodo em que melhor poderiam viver, em plena infancia: — morrem na primavera da vida sem a conhecerem, sem atravessarem as suas diversas fases, sem sentir a importância e amplitude das suas funções, assassinados por múltiplas causas que são obra da iniquidade humana.

E no seio da classe trabalhadora, met de das crianças que nascem não passam da idade de tres anos; e uma infinidade de jovens de ambos os sexos, na idade amorosa, dos 18 aos 25

anos, esgota-se tristemente como a chama débil de uma lampada à qual falte o azeite. Milhões de seres humanos morrem no periodo da virilidade, isto é, quando a vida se encontra na sua fase mais bella, na plena manifestação da sua força, dos 30 aos 45 anos.

Que se morra, ninguém se importa! Mas é que se morre por ignorância, porque a maioria desconhece as causas da sua morte prematura. Quase todas as enfermidades, quase todos estes flagelos sociais que dão cabo de nós, são o produto das condições bárbaras, infamantes, bestiais, no meio das quais desenvolve a vida a maioria dos homens que trabalha no campo e na cidade, em casa e nas oficinas. É o trabalho opressor, excessivo; é o ambiente bestial que debilita, que corrompe, que mata os organismos mais fortes e mais resistentes; é a miséria permanente nos *bas-fonds* da sociedade, a péssima alimentação que empobrece o sangue, que desorganiza os tecidos, debilita os órgãos, dificulta a harmonia das funções e as predispõe para a acefalia, para a morte. É a falta de higiene nas habitações; é a falta de ar, de oxigénio, de sol onde se dorme ou se trabalha; é a falta de descanso, de restauração das forças perdidas que deixam as povoações laboriosas inermes e sem os meios para se defenderem das causas que provocam a sua morte.

Não queremos enumerar a grande quantidade de vítimas que, em todos os ramos de trabalho, ocasiona a organização burguesa. Dos camponeses, podemos afirmar que sessenta por cento são anémicos, alem de padecerem outras enfermidades semelhantes; das lavadeiras, sabemos que morrem tuberculosas na sua maioria... E se citássemos todas as profissões, uma por uma, havíamos de ver que todas as suas enfermidades e toda a sua mortandade são o produto das mesmas causas: — herança patológica, excesso de trabalho, falta de alimento, de higiene, etc., etc.

Mas não se limitam a isto as causas da mortalidade humana que são inerentes ao regime capitalista. Entre os flagelos que destroem o género humano, notemos os desastres nas minas onde sucumbem centenaes de trabalhadores, devido ao egoismo e à impericia das companhias exploradoras; as revoluções políticas dos diferentes partidos para alcançarem o poder; as guerras de expansão e conquista que, num quarto de hora, roubam a vida a cem mil pessoas, como se vê na actual guerra, que só num combate, ficaram no campo da batalha quinhentos mil homens!

Contra todos os defensores deste regime social, criminoso e horrendo e que tantas vítimas produz, não se pode opôr senão a revolução para se destruir esta estrutura social que é um permanente insulto à dignidade do ser humano e à espécie.

É necessário acabar com o militarismo que povoa o mundo de estragos e de rapina, e que é uma constante ameaça à vida dos povos; é necessário anular todos os privilégios de casta e de classe em que se baseia a opressão e a tirania económica; é necessário proceder à expropriação colectiva dos meios de produção e de troca, suprimindo assim os interesses particulares existentes, para que a propriedade se torne comum e o homem fique sendo comproprietário do Universo, tendo à sua disposi-

ção todos os meios precisos, para, na luta contra a natureza, sair triunfante.

É necessário destruir o Estado com toda a sua organização gerárquica e burocrática; é necessário inutilizar o parlamento e a magistratura, creadora e executora da Lei e do Código, essas abstracções que escravizam o homem segundo os sofismas e os dogmas; é necessário destruir Deus e a sua Igreja, libertando os povos da tirania, do obscurantismo e da ignorância.

Exterminando todos os poderes em que se apoia a sociedade vigente, abrir se-há caminho à sociedade equitativa e livre, onde todos os homens poderão gosar a vida intensa, estudando nos ateneus e nas escolas a arte e a sciência. A Humanidade será então livre, feliz, inteligente e solidária no bem, harmonizando a função dos organismos sociais com os naturais, aguerrida para as batalhas fecundas do trabalho, para as lutas sublimes do pensamento, para a conquista de mais um grau de liberdade, de amor e de felicidade.

ANTÓNIO LOREDO

Os preparativos militares

Seria instrutiva a história minuciosa dos preparativos e precauções militares dos últimos tempos anteriores à guerra, sobretudo relacionando-os com as várias questões internacionais e os varios manejos diplomáticos. Mas mesmo percorrendo-se qualquer colecção de jornal se encontram indícios significativos.

Sem falar nos preparativos bem conhecidos da França e da Alemanha (que se justificavam uma com a outra), temos na Rússia, por exemplo, a retenção dum contingente nas floiras, em princípios de 1914, sob pretexto de instrução militar dos recrutas.

Em março, reunia-se a Dama, em sessão secreta, para tratar de novos armamentos na hipótese dum conflito com a Alemanha. O ministro da guerra pedia um aumento de 500 mil homens e um crédito de 500 milhões de rublos (uns 350 mil contos). A este propósito, escrevia *La Bataille Syndicaliste* de 18 de Março de 1914: «Será preciso sublinhar todo o perigo que este acréscimo formidável do militarismo russo representa para a paz e para a civilização europeia?»

Poucos dias depois, anunciavam de Berlim que o orçamento alemão de 1914 previa um aumento de 135 mil reservistas; e no fim do mesmo mês, o governo russo proibia a exportação de cavalos. Esta medida e o projecto apresentado à comissão da guerra sobre as estradas estratégicas das províncias limítrofes com a Alemanha suscitaram comentários azedados na imprensa patriótica germanica e agravaram as animosidades russo-teutónicas.

Ainda quanto à Rússia, falaremos noutro artigo do que a *Bataille Syndicaliste* chamava com indignação o «chantage russo» ou o «chantage da aliança».

Em princípios de 1914, a loucura dos armamentos toma um incremento extraordinário e vai até aos antípodas... pois a Nova Zelândia pede um novo cruzador.

Em junho, é a Itália que nos aparece a pedir um crédito de 200 milhões de liras, que o general Porro e a *Tribuna* acham bem mesquinho, reclamando que seja triplicado.

Todos os Estados se embruham em contendas, alianças e provocações, mas cada uma alega, para se armar, os armamentos e intenções do vizinho...

Politica de Repulsão

O acto digno e coerente da União Operária Nacional, que, de acôrdo com a moção aprovada no comício da R. tunda, decidiu retirar das comissões nomeadas no Congresso das Subsistências os seus delegados, desde que ficou patente a burla da tal «assembleia popular», não agradou naturalmente ao *Século*, o qual, no entanto, em artigo do fundo, manifestara o seu scepticismo sobre o brinqueado oferecido pelo governo ao operariado descontente.

O que poderá talvez parecer menos natural é que um «socialista-sindicalista», com uma carta, sirva de instrumento ao jornal burguês para deturpar ante o público o carácter daquele acto, fazendo-o passar como capricho despótico de intrigantes, perturbadores e especuladores politicos! É que esse «defensor dos operários» proporciona armas falsas ao governo, tendo perdido, não só a noção e o critério da luta de classes, mas até o sentimento de classe mais rudimentar, a ponto de se servir da pior imprensa burguesa para esse fim!

O *Século*, naturalmente, invoca a decantada «solidariedade nacional», que sempre serviu para encobrir os interesses da oligarquia exploradora e dominante. Nós, além da natural solidariedade humana, que pode em mil casos diversos unir os habitantes duma povoação, duma provincia, dum país ou dum continente, sem respeito pelas fronteiras do Estado, só nos preocupamos com a solidariedade de classe, ou se preferem, com a solidariedade revolucionária para emancipação dos oprimidos.

O *Século* queria (olha quem fala!) que o operariado organizado fugisse das lutas politicas partidárias. Ora, a U. O. N., com o seu acto, não faz outra coisa, numa clara manifestação de independência operária e de dignidade, mas conforma-se com a necessidade iniludível da luta de classes, ao passo que o jornal burguês pretendia, é natural, a colaboração de classes e a sujeição do proletariado organizado à politica geral burguesa.

Depois, lá vem a cantata costumada da «intensificação das indústrias». Por meio, é claro, da *colaboração de classes*, porque ai é que está o bu-ffis.

Em que país, pergunta o *Século*, se operou o milagre de melhorarem as condições do operariado sem terem crescido os réditos da classe capitalista?

Em que país, perguntamos nós, a classe capitalista se declarou jamais habilitada, mesmo no auge do progresso industrial a melhorar as condições operárias e deixou de invocar as famosas razões de «solidariedade nacional» e concorrência estrangeira? Em que país se intensificaram as indústrias pela colaboração, em vez da luta de classes? Em que país o colaboracionismo duma sub-classe privilegiada de operários qualificados com a burguesia deixou de ser um estôrvo à luta operária e ao melhoramento de condições da grande massa? Em que país é que os patrões compreenderam jamais a colaboração dos operários no desenvolvimento económico nacional senão como uma renuncia a greves, agitações e melhoramentos?

Em opposição a esse critério burgues, o operariado consciencioso deve preferir a organização independente e a luta, forçando indirectamente a classe capitalista a intensificar o trabalho para dar ocupação aos descontentes, a enriquecer a maquinaria

para contrabalançar a alta de salários, a aumentar a produção para satisfazer o aumento de consumo, a maior capacidade de consumir do salariado. É o consumo que determina a produção, e não vice-versa; o que falta ao salariado é a liberdade, o poder de consumir, e se este não se eleva o que se consegue com o aumento da produção são unicamente crises, desocupação e acréscimo de miséria.

Se é certo que o desenvolvimento económico facilita por sua vez a organização e o melhoramento de condições dos operários—se estes estiverem habituados à luta e se a sua acção não estiver embotada pelo colaboracionismo—o facto conhecido e evidente é que nesse desenvolvimento há dois papeis: o da burguesia, a qual dispõe dos meios de produção e do poder politico que lhe garante tal monopólio, sendo portanto ela que administra as coisas e tem os meios directos de intensificar as indústrias e aumentar a produção, até que o povo trabalhador se resolva a fazer a expropriação; e o do prolétariado, que só dispõe da sua força de trabalho, e que só tem os meios de acção que derivam dela e da organização para melhorar as suas condições, intervir indirectamente na administração das coisas e preparar-se moral e materialmente para a gerência directa da produção. Nós queremos apenas que ele não abandone o seu papel para correr atrás de foguetes burgueses, que ele pegue na questão pela ponta operária e não pela ponta que convém ao inimigo.

Especialmente se ele não pretende sómente constituir uma nova classe privilegiada, colaborando com o patronato dentro do regime capitalista, sem vontade de sair dele, e constituindo um obstaculo à emancipação da grande massa—como já sucede nos países de grande indústria, mas sim deseja sobretudo quebrar o aro de ferro que a aperta, libertando consigo todos os oprimidos.

Entretanto, que não se aflija com o grande atraso industrial sempre alegado e que reclame cada vez com mais força, que se organize cada vez com maior independência—que apesar de todas as crises, os «capitais» vão sempre aparecendo, quando se trata, por exemplo, da «defesa nacional»... burguesa.

E deixe lá a imprensa burguesa falar em «politica de repulsão», que é aliás um sinónimo, não de todo impróprio, do que nós, cá deste lado da barricada, chamamos luta de classes. Repulsão, com efeito, não só da classe inimiga, mas dos trampolinos que a servem.

EMENDAS

O nosso número passado veio todo inçado de gralhas, ainda mais que o costume. Emendaremos apenas as do artigo o perigo alemão e o perigo russo, por ser do polémica.

Na 1.ª página, 5.ª columna, 1.ª linha, a frase: o da Prússia e Áustria devia estar em itálico e entre parênteses, sendo uma explicação nossa. Na mesma columna, ao meio, a frase: mas nós não compreendemos bem foi transformada em afirmativa. Onde está: que tem torçudo dentro para amarrar, se accentua o tsarismo.

Na 2.ª pagina, 1.ª columna, há um águies em vez do alhuces que damos escrito.

E não emendamos outras, de momento importância, que a intelligencia do leitor... etc., etc.